



## A IMPORTÂNCIA DAS MOEDAS SOCIAIS NAS FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DE CASO

The importance coins of the social solidarity  
economy shows: a case study

Fabiane Correia da Cunha (UFRB)\*  
Alane Amorim Barbosa Dias (UFRB)\*\*

\*Graduanda em Tecnologia em Gestão de Cooperativas, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.  
E-mail: fabiane\_correia@hotmail.com

\*\*Graduanda em Tecnologia em Gestão de Cooperativas, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.  
E-mail: alane.a@hotmail.com

### RESUMO

A Economia Solidária nasce na atualidade como uma alternativa viável ao modelo capitalista de produção e consumo e vem se fortalecendo no decorrer dos anos com a construção de redes solidárias, as quais buscam propiciar a difusão de cadeias produtivas integradas de trabalhadores. Dentre as experiências bem sucedidas neste cam-

po, se encontra as feiras de Economia Solidária, que são uma das alternativas para a socialização das práticas de produção, prestação de serviços e dinamização do consumo consciente. Além disso, estas visam intensificar os sistemas locais de intercâmbio, que se caracterizam pela utilização das moedas sociais de circulação, criada e gerida pelos grupos para facilitar a troca de produtos e serviços entre eles. Dessa forma, este artigo obje-

tiva analisar a importância das moedas sociais nas feiras de Economia Solidária, tendo como estudo de caso a Feira Acadêmica de Economia Solidária (FAESOL) que ocorreu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) durante 3 (três) edições, entre os anos de 2012, 2013 e 2014. Trata-se de um estudo descritivo, realizado a partir da vivência de monitoria na FAESOL. Neste período, a pesquisadora se mostrou atuante na construção da feira participando de todas as atividades e, por isso realizou algumas anotações referentes à organização da mesma. Ainda foi utilizado levantamento bibliográfico, com consultas a artigos, cartilhas que tratam da temática em questão. Por fim, entre os resultados alcançados durante a feira solidária destacam-se: a relevância dos temas abordados, voltados para a Economia Solidária, Associativismo/Cooperativismo; a troca de experiências, contribuindo para o estímulo a práticas de consumo sustentável e solidário; a valorização da cultura local; o clube de troca de livros, que além de ser um sucesso, possibilitou que os livros tivessem um destino socialmente viável e; a possibilidade de renda para os expositores que comercializavam suas mercadorias.

**Palavras-chave:** Economia Solidária. FAESOL. Moedas Sociais.

## ABSTRACT

The Solidarity Economy is born today as a viable alternative to the capitalist model of production and consumption and has been strengthened over the years by building solidarity networks, which seek to encourage the dissemination of integrated production chains of workers. Among the successful experiences in this field, is the Solidarity Economy fairs, which are an alternative to the socialization of production practices, service delivery and promotion of consumer awareness. In addition, they aim to intensify local exchange systems, which are characterized by the use of social currency circulation, created and managed by groups to facilitate the

exchange of goods and services between them. Thus, this article aims to analyze the importance of social currencies in Solidarity Economy fairs, taking as a case study the Academic Fair Solidarity Economy (FAESOL) at the Federal University of Bahia Reconcavo (UFRB) for three (3) editions between the years of 2012, 2013 and 2014. This is a descriptive study, conducted from the monitoring experience in FAESOL. During this period, the researcher proved active in building the fair participating in all activities and therefore made some notes regarding the organization of the same. Also it was used literature with consultations articles, booklets dealing with the subject in question. Finally, the results achieved during the joint fair are: the relevance of the topics covered, facing the Solidarity Economy, Associations / Cooperatives; the exchange of experiences, helping to stimulate the sustainable and united consumption practices; the appreciation of the local culture; the book exchange club, which besides being a success, enabled the books they had a fate and socially viable; the possibility of income for the exhibitors who traded their goods.

**Keywords:** Solidarity Economy. FAESOL. Social Currencies.

## 1. INTRODUÇÃO

A Economia Solidária surge como uma alternativa de trabalho contra o sistema capitalista excludente, desigual e massificador. Suas ações são evidenciadas cotidianamente por trabalhadores informais, biscateiros ou pequenos empreendedores, que evidenciam neste movimento uma fonte de emprego e renda capaz de suprir suas necessidades.

Esta nova fonte de economia contribui para a vida de milhões de trabalhadores no Brasil, garantindo maior circulação de bens humanos e propagação da justiça social. Diante disso, percebe-se que a dimensão da Economia Solidária incorpora as práticas de cidadania, de cooperação

e solidariedade.

Dentre as experiências que envolvem as ações dessa economia, se encontram as feiras solidárias, que se caracterizam como um espaço em que produtores e consumidores se encontram para realizar a compra e venda de produtos e serviços sem intermediários, com a utilização da moeda social. Além disso, é um espaço onde se pode desencadear a troca de conhecimentos e fortalecer os laços de amizade.

As pessoas ou grupos que participam de uma feira solidária, incluindo os empreendimentos da Economia Solidária, colocam a disposição seus serviços e produtos para comercialização, porém para que esses produtos possam circular, é necessária a utilização de uma moeda social que é criada e gerida pelos próprios organizadores do evento. Essa moeda é diferente do dinheiro oficial porque tem caráter solidário e não pode ser acumulada ou poupada com finalidade de riqueza.

Com esses mesmos propósitos, surge a FAESOL, que foi idealizada por alunos do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da UFRB na cidade de Cruz das Almas – BA. A ideia de se construir uma feira solidária se iniciou quando alguns alunos participaram de um curso de extensão universitária na própria universidade em 2012, denominado “Práticas em Economia Solidária: Como Organizar Feiras Solidárias?”. Neste encontro houve a participação de diversos representantes da Economia Solidária na Bahia, que trocaram suas experiências com os alunos, fazendo com que os mesmos saíssem do curso com o propósito de se criar a feira. Assim, a moeda social também foi circulada durante a FAESOL, sendo esta utilizada somente para troca de livros entre os participantes, o que gerou uma reciprocidade e interação entre os indivíduos.

Diante desta experiência bem-sucedida, o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância das moedas sociais nas feiras de Economia Solidária, tendo como estudo de caso a FAESOL que já contempla 3 (três) edições, realizadas entre os anos de 2012, 2013 e 2014.

Este artigo está dividido em 5 (cinco) capí-

tulos, distribuídos da seguinte forma: o primeiro engloba a revisão bibliográfica, incluindo as origens e definições da Economia Solidária no Brasil, como funciona uma feira solidária, o papel da moeda social e sua importância nos clubes de troca; o segundo traz a metodologia utilizada para construção do trabalho; o terceiro mostra os resultados e as discussões obtidas; o quarto capítulo traz as conclusões e, o quinto as referências bibliográficas.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

Na contramão do cenário de exclusão que o capitalismo desenfreado provocou no mundo, sabe-se da existência de movimentos populares que desempenham práticas econômicas associativas com objetivos políticos e emancipatórios. Grande parte delas, é tida como uma resposta as dificuldades que os indivíduos encontram em ingressar no mercado formal de trabalho.

A Economia Solidária nasce no Brasil em meio às intensas lutas de trabalhadores organizados que lutavam contra a exploração do trabalho e o modelo capitalista de produção e consumo. Neste período, os indivíduos foram submetidos às formas mais desumanas de trabalho, isto porque as grandes empresas visando buscar o aumento de capital intensificaram as jornadas de trabalho e substituiu a mão-de-obra humana pelas máquinas, o que ocasionou a demissão em massa.

As consequências disso dizem respeito, antes de tudo, a um enfraquecimento dos vínculos sociais representados pelos direitos e pelas identidades forjados a partir da condição assalariada. O desemprego e subemprego, ao assumirem um aspecto funcional ao atual padrão de crescimento, se traduzem em uma miríade de formas precárias e vulneráveis de trabalho ou mesmo de sobrevivência. Nesse ambiente, a insegurança e a falta de horizontes marcam o comportamento individual, enquanto socialmente

assiste-se a perda de coesão social. (PINTO, 2004, p. 8).

A Economia Solidária não é uma invenção atual. Pode-se afirmar que no Brasil uma das primeiras experiências são os povos indígenas, que tinham a cultura da economia com base na partilha e na solidariedade (BERTUCCI et al., 2010).

A Economia Solidária começa a desenvolver-se, no Brasil, a partir da última década do século passado. Está em sua origem o renascimento dos movimentos sociais, no acaso do regime militar, que se prolongou até 1985. Estes movimentos foram colhidos pela imensa crise social, desencadeada por políticas neoliberais de abertura do mercado internos às importações, de juros elevados e ausência de desenvolvimento, este último sacrificado no altar da estabilidade dos preços (SINGER, 2002 apud SILVA, 2010, p. 44).

Diante deste cenário, entende-se que no Brasil o movimento da Economia Solidária surge como resposta dos trabalhadores aos novos formatos de exploração da força de trabalho. Nas áreas rurais, a Economia Solidária vem sendo trabalhada como modelo organizativo das atividades advindas dos assentamentos da reformas agrária, por meio da agricultura familiar, do artesanato, da pesca extrativista, da apicultura, entre outras. As comunidades de povos tradicionais (quilombolas, indígenas e ribeirinhos), vêm compreendendo cada vez mais a Economia Solidária como estratégia de promoção ao desenvolvimento social (BERTUCCI et al., 2010).

Diversas são as denominações dadas a Economia Solidária. Singer (2002, p. 10), a define como “[...] outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual.”

Já Laville (1994) diz que a Economia Solidária tem como característica a realização do fator humano que favorece as relações sociais através da reciprocidade e da solidariedade. Diferente de outras formas de economia, ela não objetiva o lu-

cro tampouco a aproximação do Estado em seus ideários, como ocorre nos movimentos capitalistas de produção.

A Economia Solidária visa, sobretudo, a autogestão, uma vez que não existe a presença do patrão nem do empregado, pois todos os membros do empreendimento (associações, cooperativas, Organizações Não-Governamentais, entre outros) desenvolvem ao mesmo tempo a função de trabalhadores e donos (BERTUCCI et al., 2010).

As várias definições dadas à Economia Solidária se tornam mais evidentes em suas realizações práticas. Assim, as experiências que são desencadeadas por esse movimento são diversas e remontam raízes de modelos diferenciados de gestão democrática, como aquelas presentes no Pensamento Cooperativista, principalmente com Robert Owen (1771-1859), que também lutou contra as explorações de trabalho capitalista criando com alternativa, a limitação da jornada de trabalho em sua indústria têxtil e outros benefícios para os empregados, além disso, suas experiências repercutiram significativamente no mundo e foram copiadas por vários outros pensadores do sistema cooperativista.

Ainda vale lembrar que, atualmente no Brasil, essas iniciativas de expansão deste modelo de economia ganharam outras dimensões, como os clubes de troca, empreendimentos autogestionários, cooperativas, feiras populares entre outros, como veremos no tópico a seguir.

## 2.2 FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Todo trabalho humano apresenta resultados que precisam ser compartilhados com a sociedade para garantir o consumo que precisamos ter em nossa vida. Infelizmente esta realidade se aproxima apenas de uma pequena camada social. Mas, ao invés de ficarem esperando por ajuda do governo, algumas pessoas se tornam proativas, a ponto de provocar a sua própria mudança social, de maneira justa e igualitária. Com estas experiências, fica claro que é necessário mudar a lógica imposta por esse sistema injusto. A partir deste

dado instante, a força para a construção de uma nova economia é despertada.

As feiras promovidas pelos grupos de trocas são uma prova de que é possível (re)unir produtores e consumidores com o objetivo de recriar formas de comercialização e também de socialização mais justas. Por isso, atualmente, tantos grupos promovem feiras. Eles já perceberam que a forma como hoje está organizado o sistema econômico não é a única possível. (SOUZA, 2005, p. 8).

Souza (2005) ainda lembra que, as experiências com as feiras de Economia Solidária, também conhecida como “clubes de troca” ou “mutirões”, se realizam em locais propícios para a comercialização solidária. A feira é considerada um grande momento para tal feito. Neste espaço as pessoas e os grupos se reúnem para trocar seus produtos e serviços de maneira mais justa e consciente.

A organização de feiras de economia solidária é uma das alternativas para a socialização das experiências de produção, a prestação de serviço e o exercício do consumo solidário da comunidade. Podem proporcionar um rico intercâmbio de experiências entre produtores, prestadores de serviços e consumidores. Portanto, não significam apenas a comercialização de produtos, sendo um exercício político e ético de construção de uma economia pautada no ser humano, e não na mercadoria. Trata-se, pois, de ativar um canal de comercialização voltado à realização de vendas, sem descuidar dos demais aspectos, sem os quais a feira deixa de ser um evento de economia solidária. (MANCINI, 2003, p. 154).

Nos circuitos de trocas solidárias são intercambiados bens acumulados ou bens produzidos, além de saberes e serviços. As feiras são os espaços em que geralmente ocorrem essas trocas, as quais se realizam periodicamente quando os empreendimentos da Economia Solidária expõem

os produtos e serviços, efetuando-se as trocas. Quando não é possível realizar o intercâmbio direto entre os grupos, para facilitar as trocas se utiliza uma moeda social entre os sócios. Nessas feiras não apenas existe o intercâmbio das mercadorias, mas há o convívio de pessoas que se tornam amigos e trocam conhecimentos. Para participar plenamente de uma feira é necessário levar em consideração os princípios da Economia Solidária. Mas existem também as trocas pontuais que são realizadas entre vizinhos, amigos ou entre participantes do mesmo clube de trocas (LISBOA e FAUSTINO, 2009, p. 2).

Entretanto, deve-se levar em conta que não é só de feira que vive os grupos de troca, antes e depois da feira acontecem diversas coisas. Algumas cartilhas alertam que para viabilizar as atividades de uma Feira de Economia Solidária é necessário realizar um planejamento que leve em consideração a construção de um trabalho coletivo e que vá de encontro com os objetivos sociais do evento. Para isto, recomendam a formação de comissões de trabalho, as quais têm como objetivo dar auxílio coletivo as atividades que irão ser desenvolvidas.

I. Comissão de Organização: de acordo com Amorim (2006) esta comissão deve ser dividida em:

- Secretaria: formada por pessoas responsáveis pela mobilização, inscrição e toda administração do evento. Ainda é necessário que os envolvidos nesta comissão tenham disponibilidade de telefones, computadores e outros materiais específicos para esta tarefa.
- Organização de Rodada de Negócios: esta equipe é responsável por planejar uma listagem de empreendimentos solidários que queiram participar da feira. O papel desses empreendimentos é o de negociar seus produtos e serviços uns com os outros, no que se referem ao melhor preço, condições de pagamento, qualidade, etc.
- Organização de Trocas Solidárias: também conhecido como Clube de Trocas, o pessoal responsável deve viabilizar um espaço dentro da feira onde as pessoas possam trocar seus produ-

tos entre si, utilizando a moeda social.

- Organização de Cadeias Produtivas: a equipe de trabalho deverá realizar um mapeamento dos empreendimentos que participarão da feira tendo como critério, a organização dos mesmos em cadeias produtivas. Isto poderá contribuir para a criação de redes de produção, comercialização e consumo.

- Organização de Comércio Ético, Justo e Solidário: esta comissão é designada para selecionar cuidadosamente os empreendimentos que irão participar da feira, além de garantir a presença de diferentes segmentos econômicos.

II. Comissão de Infraestrutura: a responsabilidade dessa comissão é a de assegurar a implantação dos espaços em que a feira irá funcionar. Dentre os itens da infraestrutura que deve ser levado em consideração para viabilizar o evento, vale citar: o espaço para realização da feira; serviço de iluminação/energia; serviço hidráulico; serviço sanitário; barracas, estandes, tendas e auditórios; espaço para os empreendimentos; espaço para secretaria; espaço institucional; espaço para realização de atividades formativas, com oficinas, seminários e palestras; espaço para realização de eventos culturais; espaço para rodada de negócios e trocas solidárias; espaço para armazenamento de produtos; hospedagem e transporte; alimentação e kit de material.

III. Comissão de Cultura: o pessoal designado para esta comissão deve ter em mente que as atividades culturais programadas para a feira devem ser feitas com grupos que tenham algum envolvimento com a Economia Solidária e, devem levar em consideração a cultura local.

IV. Comissão de Formação: este grupo é responsável por desenvolver as atividades de formação e capacitação em Economia Solidária no decorrer da feira. Dentre as atividades previstas, é interessante se atentar para as oficinas temáticas, seminários ou palestras, espaços de leitura e troca de experiências entre as organizações soli-

dárias participantes.

V. Comissão de Comunicação: a equipe deve ser designada pela articulação, mobilização e divulgação da feira, seja por meio de panfletos ou em rádios comunitárias.

VI. Coordenação da Feira: esta equipe de trabalho deve ser formada por um representante de cada comissão de modo a possibilitar a coletividade da Feira de Economia Solidária.

Diante do exposto, é cabível dizer que as feiras de Economia Solidária têm como objetivo principal, criar alternativas de consumo, que valorize o trabalho de cada membro, por meio da construção coletiva da justiça social e da solidariedade.

### **2.3 O PAPEL DA MOEDA SOCIAL NAS FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Desde o início de nossa vida e no decorrer de boa parte dela, a troca ou escambo é utilizada, mesmo sem nossa percepção. Este fato acontece, por exemplo, nos primeiros momentos em que intercambiamos o ar, por meio da respiração e mantemos relação com o ambiente em que vivemos isto porque, a qualidade do ambiente interfere na nossa qualidade de vida e em nossa saúde. Dessa forma, nossas trocas precisam ser realizadas com qualidade, uma vez que estamos nos referindo aos laços que construiremos enquanto se está trocando.

Como um meio para facilitar as trocas, surge a moeda (o dinheiro), palavra originária do nome da deusa romana Juno Moneta. Com o passar do tempo a moeda foi ganhando outras características, como a capacidade de ser especulada e acumulada, por exemplo. A maneira como utilizamos a moeda reflete nosso comportamento como seres humanos, nossos medos, nossos apegos e esperanças [...]. (LISBOA e FAUSTINO, 2009, p. 3).

As mesmas autoras afirmam que, nos dias atuais, existe uma enorme quantidade de dinheiro circulando, porém este dinheiro se concentra na mão de poucos, provocando inúmeras desigualdades entre os seres humanos. Ainda acrescentam que uma das funções da moeda é evitar justamente a troca direta, uma vez que sabe-se que no mercado formal as trocas são realizadas através da moeda oficial (dinheiro), sem darmos conta da existência de outra pessoa, que naquele momento está no caixa nos atendendo. Por este motivo, o dinheiro, que é uma invenção da humanidade, deveria ter como finalidade facilitar nosso cotidiano e permitir uma economia mais saudável. O dinheiro continua sendo necessário, mas ele é fruto também, de trabalhos árduos que na maioria dos casos envolvem exploração.

Souza (2005) diz que, o escambo se trona uma prática corriqueira nas trocas de produtos ou serviços, no entanto, a grande maioria utiliza trocas indiretas para intermediar os fluxos locais por meio das moedas sociais, sendo executadas comunitariamente de maneira participativa, democrática e solidária.

As trocas feitas através da moeda social são uma alternativa concebida, distribuída e gerida pelos próprios usuários que, ao intensificar suas funções como meio de circulação, contribui para aprofundar nossas relações de colaboração. A moeda social tem uma relação mais transparente e direta com a própria riqueza, nos permitindo ver que esta advém do trabalho. Como a moeda social não se torna a finalidade do to econômico, nem busca servir como reserva de valor, nem mede apenas o valor de troca ou valor de uso, ela caba por revelar o incomensurável valor de vínculo entre as pessoas. Uma diferença [...] entre a moeda social e o dinheiro oficial, é que qualquer um pode fazer o uso dela na medida em que tenha algo para oferecer, como um produto ou serviço, dentro do espaço onde ela circula, no qual sua aceitação é voluntária [...]. (LISBOA e FAUSTINO, 2009, p. 6).

No que se referem às definições da moeda social, diversos autores colocam seus pontos de vistas sobre sua finalidade. Para Soares (2006), a moeda social é uma forma de moeda paralela criada e administrada por seus próprios inventores. Ela não tem nenhum vínculo com a moeda nacional e sua circulação se dá por meio da confiança e adesão voluntária dos seus usuários. As pessoas que participam das experiências envolvendo as trocas das moedas a assumem como um exercício de vontade. Portanto, ela deve ser percebida sob o ponto de vista normativo, da qual participa quem congrega dos mesmos valores. De formal geral, a moeda social possui dois significados recorrentes: o primeiro como meio de troca, capaz de gerar melhores condições de vida para os participantes e, o segundo como uma alternativa de recriação da economia, reconstruída em moldes participativos e integrativos.

A autora anterior lembra que, quando um grupo utiliza a moeda social ele se mostra autônomo sobre a emissão daquilo que servirá como troca, nesse caso não existirá a participação do Estado ou de qualquer outra instituição fora da própria feira para pôr em prática os princípios e compromissos assumidos, só a confiança mútua tem poder de atuar nas relações assim firmadas.

De acordo com Amorim (2006), as moedas sociais são instrumentos de confiança que pode ser usado por uma única pessoa ou grupos de pessoas que exercem funções de unidade valorativa, que pode circular livremente em feiras de Economia Solidária ou em outros clubes de troca e é aceita como forma de pagamento, porém não pode ser utilizada como instrumento de entesouramento de riquezas produzidas pelos indivíduos em sociedade.

O uso generalizado da moeda social como uma espécie de circulante em um determinado local, possibilita romper com os laços de pobreza que é decorrente da escassez de moeda nacional que intimida a circulação de riqueza (MAGALHÃES, 2005 apud LISBOA e FAUSTINO, 2009).

Para Soares (2006) a moeda social ainda apresenta características bem particulares, como

citadas abaixo:

- Democracia participativa: se caracteriza como a transparência administrativa do usuário com a moeda social;

- Continuidade: a moeda social tem como um de seus objetivos a continuidade, ou seja, em uma próxima oportunidade será capaz de equacionar as demandas e ofertas pendentes.

- Confiança: o grupo que participa das feiras ou clubes, aos poucos vai despertando a confiança em relação à utilização da moeda como objeto de troca por produtos ou serviços.

- A moeda enquanto um serviço público que contribui para a circulação de mercadorias: por meio da moeda solidária não há a existência de cobrança de juros, como ocorre com o dinheiro tradicional.

- A atividade econômica enquanto provedora de bem-estar: a moeda não deve ser utilizada com intenção de lucro, no sentido de ganhar a custos do esforço das pessoas.

Por fim, acredita-se que a aceitação da moeda social vai até onde o grau de confiança dos membros alcançarem, quando os grupos são menores, por exemplo, é mais fácil planejar as questões administrativas da mesma. Por outro lado, quando as experiências são maiores, superam facilmente as necessidades materiais que cada participante tem.

## 2.4 TROCAS SOLIDÁRIAS MEDIADAS PELA MOEDA SOCIAL

As trocas solidárias funcionam em um espaço dentro das feiras onde as pessoas trocam entre si produtos ou serviços sem a utilização do dinheiro de uma maneira solidária que gera a cooperação em vez de competição, levando em consideração a ideia de consumo justo e ético.

Diversos registros históricos apontam que os primeiros grupos de trocas solidárias do século XX ocorreram no Canadá, mais precisamente na cidade de Vancouver em 1983, com a criação dos Sistemas Locais de Trocas Comerciais. Os moradores desta região sofriam com a diminuição da

indústria de madeira, tida como a principal atividade econômica. A partir daí, a maioria dos empregadores desapareceram e o poder aquisitivo caiu drasticamente na cidade, houve incentivo para criação de um sistema de trocas que contribuissem com a qualidade de vida dos moradores (NUNES, 2005).

De acordo com a Primavera (2001), a Argentina sediou o seu primeiro clube de trocas na cidade de Bernal localizada na Província de Buenos Aires em 1995, com um total de 20 (vinte) pessoas, que trocavam entre si seus produtos e serviços. Com o passar dos anos, foram incluídos o “vale”, “bônus” ou “crédito” (denominações dadas a moeda social), para facilitar as operações realizadas pelos grupos. Em pouco tempo (mais precisamente na década de 1998) outros países da América Latina se viam frente a este novo modelo solidário: Brasil, Uruguai, Equador, Perú, Bolívia, Colômbia, Honduras, El Salvador, México e Chile. Em cada um desses países as trocas solidárias aconteciam em condições particulares com a tendência de descentralização e autonomia antes que a criação de suas moedas de troca.

No caso do Brasil, essas iniciativas se tornaram modelos importantes para a difusão da prática no país. Dessa forma, nasceram as interações com o Programa de Economia Popular Solidária no Rio Grande do Sul, as discussões com o Fórum de Cooperativismo Popular no Estado do Rio de Janeiro e o Banco Palmas em Fortaleza com seus programas de difusão da Economia Solidária (PRIMAVERA, 2001).

As pessoas que participam do evento, incluindo os empreendimentos solidários, oferecem seus serviços e produtos para comercialização. E como dito anteriormente, para que esses produtos possam circular na feira, o uso do dinheiro é dispensável. Vale lembrar ainda que, em se tratando dos bens oferecidos pelos empreendedores, são de sua absoluta responsabilidade, assumindo qualquer problema com eles encontrado.

Ainda segundo Primavera (2001) existem duas limitações para as trocas solidárias acontecerem. A primeira seria a ideia de que, nem sem-

pre que precisa de algo pode oferecer alguma coisa em troca aos mesmos indivíduos que produzem aquilo que ela necessita. A segunda limitação parte do princípio de que nem sempre os valores dos produtos ou serviços de uma feira solidária são equivalentes, o que dificultaria as transações. Para minimizar este problema apareceu a tão discutida moeda social.

No movimento das trocas solidárias também são encontradas experiências de troca direta, muito oportuna para substituir a competição pela cooperação, por meio das trocas de bens, serviços e saberes, sem a utilização da moeda. Quando a moeda é retirada para estimular a troca direta, se reforçam os laços de amizade e confiança, além de se tornar um espaço onde as pessoas passam a se conhecer melhor, nasce novos amigos, a solidariedade flui naturalmente e se faz presente à auto-estima entre os grupos (LISBOA e FAUSTINO, 2009).

Entende-se que a Economia Solidária, por meio da prática da troca direta, age como uma estratégia inovadora em relação a economia convencional, uma vez que gera um sistema de cooperação, um sistema mais humano e sustentável. “Constroem-se relações humanas e econômicas onde prevalece um tempo em que o valor está nas pessoas e no trabalho delas [...]” (LISBOA e FAUSTINO, 2009, p. 8).

### 3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, realizado a partir da vivência de monitoria nas 3 (três) edições da FAESOL, que ocorreram entre os anos de 2012, 2013 e 2014. Neste período, a pesquisadora se mostrou atuante na construção da feira, participando de todas as atividades e, por isso realizou algumas anotações referentes à organização da mesma: construção das comissões (formação, mobilização, comunicação, infraestrutura, cultural, captação de recursos e coordenação geral); datas, horários e local da feira; participação de expositores, participação dos alunos de graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas e

docentes do mesmo curso.

Este trabalho ainda utilizou levantamento bibliográfico. Foram consultados artigos a respeito da importância da moeda social nas feiras de Economia Solidária, bem como cartilhas disponíveis na Internet que descrevem o passo-a-passo para a construção de uma feira solidária.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A FEIRA ACADÊMICA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UFRB - FAESOL

A FAESOL surgiu durante um encontro entre os alunos graduandos do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas da UFRB que estavam participando de um curso de extensão, cuja denominação foi “Práticas em Economia Solidária: como organizar feiras solidárias?”. Este foi realizado no ano de 2012 e contou com a participação de representantes do Fórum Baiano de Economia Solidária e do Centro Público de Economia Solidária. Tendo em vista a troca de saberes e experiências no decorrer do evento, os alunos decidiram montar sua própria feira, onde poderiam colocar em prática todo conteúdo assimilado.

A FAESOL já está na sua terceira edição, que ocorreram no decorrer de 2012, 2013 e 2014 e desde o começo de sua existência é gerida como dito anteriormente, por estudantes do presente curso. Sua gestão ocorre obedecendo aos princípios democráticos e é passada de veteranos para ingressantes a cada ano, onde ambos se reúnem para promover a feira. Além disso, a mesma é aberta a comunidade externa da universidade, estudantes e professores de outros e do próprio curso que estejam interessados em apoiar a Economia Solidária por meio das atividades realizadas nos dias de execução do evento.

A feira também se caracteriza como um espaço de propagação da cultura local, uma vez que diversos expositores da região do Recôncavo da Bahia são convidados a expor seus produtos e serviços para comercialização. Dessa forma, também dialogam com outros empreendimentos

presentes na tentativa de negociar o melhor preço de suas mercadorias e trocaram entre si. Este espaço que a FAESOL oferece também é capaz de difundir o comércio justo, ético, solidário e sustentável, isto porque, muitos indivíduos inseridos nos empreendimentos convidados têm em sua atividade, a única fonte de geração de renda.

Os primeiros dias da FAESOL sempre eram marcados pela montagem da infraestrutura, acolhimento dos expositores e recepção do público. Entre o segundo e terceiro dia, aconteciam o clube de troca de livros, as oficinas, as palestras e os mini-cursos. Já nos encerramentos, sempre aconteciam grandes celebrações marcado por apresentações artísticas e culturais da região, além de desfiles com as roupas e acessórios que as artesãs disponibilizavam para a venda e com isso atrair a atenção dos interessados.

Cada fase de acontecimento da feira trouxe um aprendizado, nela pudemos interagir com os visitantes e fortalecer os laços de amizade já criados. Porém, algumas dificuldades surgiram durante a feira como: a falta de patrocinadores; a greve dos professores em 2013, que trouxeram complicações na organização e; dificuldades em relação ao apoio institucional.

#### 4.2 OBJETIVOS DA FAESOL

O principal objetivo da FAESOL é o de difundir a Economia Solidária e promover a interação entre a comunidade acadêmica da UFRB, os artesãos, os empreendimentos econômicos solidários e os produtores orgânicos da região do Recôncavo da Bahia. Dessa forma, a feira tem função social, uma vez que promove a interação entre produtores e consumidores, além de ser um espaço de propagação da cultura local com apresentações e manifestações artísticas.

#### 4.3 AS COMISSÕES DE TRABALHO DA FAESOL

Durante o período em que a FAESOL foi

realizada, os alunos do curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas se organizavam em comissões de trabalho para buscar apoio e viabilizar a feira. Dentre essas comissões, podemos citar:

a) Coordenação Geral: formada por apenas 1 (um) representante de cada comissão de trabalho. Tinha como responsabilidade discutir o andamento das atividades propostas para realização da FAESOL.

b) Comissão de Formação: se responsabilizava pela organização das oficinas, mini-cursos e palestras. Essa comissão de trabalho também era designada para desenvolver o designer da moeda social, que foram diferentes em todos os anos.

c) Comissão de Mobilização: ficaria submetida em convidar com os expositores e empreendedores do Recôncavo da Bahia para que viessem marcar presença na FAESOL, por meio da comercialização de seus produtos e serviços.

d) Comissão de Comunicação: equipe de trabalho responsável pela divulgação do evento, utilizando como ferramenta as redes sociais, a criação de panfletos e cartazes, além da divulgação nas salas de aula e nos pavilhões de professores da própria universidade.

e) Comissão de Infraestrutura: coube agilizar a estrutura física da feira, ou seja, viabilizar toldos, cadeiras, barracas, decorações, almoço, água e lanche para os organizadores e empreendimentos participantes.

f) Comissão Cultural: cuidava de planejar desfiles com os produtos dos expositores, trazerem atrações musicais e sorteios de brindes aos participantes.

g) Comissão de Captação de Recursos: era designada para buscar parceiros que ajudassem financeiramente ou materialmente o evento.

#### 4.4 A MOEDA SOCIAL DA FAESOL

A ideia de se inserir a moeda social na FAESOL partiu da premissa de que a organização do evento considerava que esta seria um instrumento de mediação muito importante para as trocas. Circulando dentro da feira, se tornou uma facilitadora,

tadora para as trocas que aconteceram exclusivamente com os livros. A moeda visou ser um meio de intermediar as trocas solidárias e foi aceita dentro da feira, como um instrumento do comércio justo.

Acredita-se que o maior destaque da FAESOL foi justamente o clube de troca de livros que aconteceram nas 3 (três) edições. Esta experiência foi muito interessante porque despertava o interesse dos alunos e visitantes da comunidade externa a trazerem os livros novos ou usados, mas que estivessem em boas condições de uso. Os livros eram em sua grande maioria, de romances, poemas, poesias e histórias de ficção. Esse clube funcionava por meio da moeda social que foi mudando de designer com o passar dos anos.

O clube funcionava da seguinte forma: a Comissão de Comunicação era responsável por divulgar as instruções da troca de livros no site do evento e nas redes sociais meses antes do evento acontecer; logo após, pelo menos 8 (oito) alunos do curso que se inscreveram na monitoria se reuniam e se revezavam nos turnos (manhã, tarde e noite) dentro dos pavilhões de aulas da UFRB para arrecadar os livros que eram doados pela comunidade acadêmica e pela comunidade externa; para cada livro doado, as pessoas recebiam uma moeda social que era denominada de “1SOL” ; no dia da feira, poderiam trazer a moeda social e trocar por qualquer outro livro de seu interesse. Os livros que sobravam depois que o evento tinha um destino também considerado social e solidário, ou seja, era encaminhado para a Biblioteca Municipal da cidade na tentativa de repassar voluntariamente para outras pessoas, porém sem o uso da moeda.

O objetivo do clube de troca de livros foi o de além de implementar a feira com a moeda social, buscaram-se situar a prática das trocas dentro das finanças solidárias, contribuindo para a vivência em diferentes modelos de trocas, a qual tem suas metodologias específicas. Dessa forma esse clube contribuiu para o surgimento da figura dos prossumidores, que são os participantes que são ao mesmo tempo produtores e consumido-

res, além de promover a cooperação e o fortalecimento das relações comunitárias.

Partindo da premissa da importância que a moeda social teve na feira, acreditamos também que ela não serviu apenas para trocar mercadorias, mas provocar nos participantes uma visão crítica a respeito de que outro tipo de dinheiro pode ser usado para realização de compras, porém este tem um fim justo e solidário diferente do dinheiro impregnado no sistema capitalista que desperta a ganância, a sede de apropriação e até mesmo a própria riqueza que não incorpora a justiça social. Além disso, podemos constatar que além das trocas realizadas propriamente com a moeda social (Figura 1), ouve também outro tipo de troca, isto é, a troca de saberes evidenciados nas rodas de conversa e nos estandes dos empreendimentos visitados pelos participantes.

Figura 1 - Moeda social no ano de 2014



Fonte: FEIRA ACADÊMICA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2014<sup>2</sup>.

Por fim, a moeda utilizada na FAESOL permitiu a convivência entre pessoas que necessariamente não se conheciam, caracteristicamente presente em feiras de Economia Solidária. Dessa maneira, foi criado um sistema econômico local, que complementa a economia oficial, gerando um intercâmbio de um produto (livros) que costumam ser encontrados no mercado formal ou quase nem todos tem acesso, porque é vendido a um preço não tão acessível. A moeda serviu para dar maior força à troca, permitindo que esta pudesse ser trocada por livros de diferentes tipos.

## 5. CONCLUSÃO

As feiras de Economia Solidária se caracterizam como uma nova maneira de adquirir produtos e serviço é um espaço onde podemos trocar algum pertence por outro qualquer por meio da moeda social, que possui um valor independente.

É uma alternativa onde se vivencia na prática a Economia Solidária, uma vez que a troca mediada pela moeda social passa pela confiança mútua, a responsabilidade de cada indivíduo com o social, a cooperação e a solidariedade. Se no mercado capitalista a crise da moeda oficial enfraquece o desenvolvimento local, na Economia Solidária além de superar a problemática da liquidez, permite o empedramento e a independência socioeconômica das comunidades que na maioria dos casos, se articulam em redes para facilitar o intercâmbio de produtos e serviços.

Um dos objetivos da troca solidária intermediada pela moeda é o caráter de re-humanização, ou seja, quando os grupos ou as pessoas se relacionam diretamente para estabelecer uma relação de negociação de mercadoria, os laços de confiança surgem ligados a justiça social das ações.

Se tratando da FAESOL, foi um projeto piloto que buscou experimentar um formato de organização com foco coletivo, o qual foi criado num espaço de interação entre discentes, docentes e a comunidade externa. E, sendo construída pelos próprios alunos de um curso de graduação, a feira contribuiu para o desenvolvimento dos princípios da Economia Solidária e para a própria formação acadêmica dos futuros profissionais.

Para concluir, dentre os resultados alcançados durante a FAESOL destacam-se: a relevância dos temas abordados, voltados para a Economia Solidária, Associativismo/Cooperativismo; a troca de experiências, contribuindo para o estímulo a práticas de consumo sustentável e solidário; a valorização da cultura local; o clube de troca de livros, que além de ser um sucesso, possibilitou que os livros tivessem um destino socialmente

justo; a possibilidade de renda para os expositores que comercializavam suas mercadorias. Além disso, o envolvimento dos alunos de Tecnologia em Gestão de Cooperativas fez toda a diferença, pois a linha de atuação do evento fez parte da nossa formação acadêmica.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Rizeide Souza. **Como Organizar Feiras de Economia Solidária**. Brasília: Cartilha 1, Série Feiras de Economia Solidária/Programa Nacional de Fomento as Feira de Economia Solidária, 2006. 18 p.

BERTUCCI, A.; LIMA, C.; TYGEL, D.; NAGEM, F.; AMORIM, R.; SOUZA, R. P.; KIRSCH, R.; SILVA, S. **Economia Solidária: outra economia a serviço da vida acontece**. Campanha da Fraternidade Ecu-  
mênica, 2010. 1-46 p.

FEIRA ACADÊMICA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Moeda Social**. Disponível em: < <http://faesol.wix.com/ecosol>>. Acesso em: 10 de set. de 2015.

LAVILLE, Jean-Louis (dir.) **L'économie solidaire**. Paris: Desclée de Brouwer, 1994. 100 p.

LISBOA, Armando de Melo; FAUSTINO, Andrea Viana. **Trocas Solidárias Moeda e Espiritualidade**. Florianópolis: Jornada Catarinense de Economia Popular Solidária, 2000. 14 p.

MAGALHÃES, Sandra. **O poder Circulante Local: a moeda social no Conjunto Palmeira**. Fortaleza: Banco Palmas, 2005. 77 p.

MANCE, Euclides André. **A Revolução das Redes de Colaboração Solidária**. Servilha: Encontro Internacional de Ecônomas Salesianas, 2005. 17 p.

NUNES, Ruth Espínola Soriano de Souza. **As Trocas Solidárias e as Práticas de Criação de Moeda Local**. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativa para o Cone Sul - PACS, 2005. 11-23 p

PINTO, João Roberto Lopes. **Economia Solidária: um elogio à associação em tempos de crise**. Tese

de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 2004. 213 p.

PRIMAVERA, Heloisa. **Como Organizar uma Rede de Trocas Solidárias**. Porto Alegre: PRORENDA/RS, 2011. 27 p.

SILVA, A. V. **Economia Solidária: uma estratégia política de desenvolvimento**. Tese de Doutorado. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Paraíba, 2010. 147 p.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SOARES, Claudia Lucia Bisaggio. **Moeda Social: uma análise interdisciplinar de suas potencialidades no Brasil contemporâneo**. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2006. 252 p.

SOUZA, Maria Marcia Buss. **Tecendo Grupos de Trocas**. Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativa para o Cone Sul - PACS, 2005. 24-34 p.

<sup>1</sup> Embora o designer da moeda social fosse mudando com o passar dos anos, ela sempre recebia a denominação de "1Sol".

<sup>2</sup> <http://faesol.wix.com/ecosol>

